

DE LAMPIÃO E MARIA BONITA A DJ IVIS E PAMELLA: A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO NORDESTE | LINA SCHLACHTER CASTRO ¹

RESUMO

Pensar em histórias como as de Maria Bonita, Maria da Penha e Pamella Holanda é refletir sobre a naturalização da violência de gênero na cultura nordestina. Para compreender que fenômenos podem pautar relações de gênero, este artigo aborda os conceitos de Man Box e Teto de Cristal como ideias situadas entre o psíquico e o cultural. Mais especificamente, propõe-se que na gênese desse fenômeno encontram-se modelos identificatórios internalizados desde a infância, os quais subsidiam acordos inconscientes em que homens e mulheres atuam de formas complementares.

Palavras-chave: identificação, Man Box, Teto de Cristal, violência de gênero.

ABSTRACT

Thinking of stories such as Maria Bonita, Maria da Penha and Pamella Holanda is to reflect on the gender violence naturalization in the Northeastern culture. To understand which phenomena could guide gender relations, this paper discusses the concepts of Man Box and Glass Ceiling Effect as ideas situated in the frontier between the psychic and the culture. More specifically, it is proposed that those phenomena are rooted in identificatory models, internalized from the childhood on, that underly unconscious agreements in which men and women act in complementary ways.

Keywords: gender violence, Man Box, Glass Ceiling Effect, identification.

¹ Psicóloga. Psicanalista em formação pela Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR). Doutora em Psicologia Clínica pela University of Tennessee (EUA) e mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

ALGUNS CAUSOS NORDESTINOS

Maria Gomes de Oliveira era traída e espancada por seu marido. Ela separou-se, iniciou um romance com Lampião e juntou-se ao seu bando. Ela rompeu preceitos de sua época, e tornou-se a primeira mulher cangaceira de todos os tempos. Sua vida foi curta. Aos 28 anos, Maria foi morta, decapitada ainda viva. Conta-se que, após sua morte, o seu algoz levantou a parte debaixo de seu vestido, e chamou a atenção dos outros soldados para a cor encarnada de sua calcinha. Seu corpo foi abandonado ao relento com as pernas abertas e um pedaço de madeira enfiado em sua vagina. Há uma convincente versão que relata que a alcunha Maria Bonita foi dada a ela no dia de sua morte, por soldados e autoridades, que ficaram impressionados com a sua beleza (Negreiros, 2020, p.240).

Maria da Penha recebeu um tiro de seu marido e tornou-se tetraplégica. Apenas após o envio de seu caso para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) e a publicação de um relatório, escrito pela instituição, que responsabilizou o Estado brasileiro pela violação de seus direitos humanos, a justiça brasileira chegou a uma decisão definitiva (Penha, 2020). Seu ex-marido foi preso após 19 anos e 6 meses do crime que cometeu.

Pamella Holanda publicou em suas redes sociais diferentes vídeos em que seu ex-marido, DJ Ivis, um conhecido cantor, a espanca. Após três meses de prisão, ele foi solto. Nas redes sociais, inúmeras pessoas comemoraram sua soltura e rechaçaram Pamella.

01

Neste trabalho, tentar-se-á compreender como atos de violência, tais como os acima mencionados, apoiam-se em um modelo hegemônico que autoriza e espera que o homem e a mulher hajam de acordo com uma hierarquia de gênero. Há uma naturalização, construída na cultura, que atua para a manutenção de uma ordem que dificulta avanços, limita ações, oprime, gera injustiça social e desigualdade de gênero.

Em uma recente palestra, Virginia Ungar (2021) enfatizou a importância de a psicanálise adentrar nos mal-estares contemporâneos, e salientou que discutir a violência de gênero e “dar uma perspectiva psicanalítica é quase uma obrigação para nós”. Freud concordaria com ela. Sabemos que em textos, como *Psicologia das massas e a análise do eu* (Freud, 1921/2017, p. 14), há uma descrição do campo da psicanálise como social. Não há uma separação óbvia entre o individual e o social, “a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social”.

Na mesma palestra, Ungar (2021) apontou um fenômeno conhecido como “Man Box”, em que há uma expectativa que os homens ajam segundo sete preceitos:

- 1) Deve ter autossuficiência: um homem que fala sobre suas preocupações e medos não vai gerar respeito.
- 2) Deve agir rudemente: um homem que não responde com uma briga se for molestado é fraco, tem que agir mostrando força.
- 3) Deve ser fisicamente atraente.
- 4) Deve ter papéis rigidamente masculinos: não é bem-visto se cozinha, costura, limpa a casa e cuida de crianças pequenas.
- 5) Deve ser heterossexual e homofóbico.
- 6) Deve mostrar hipersexualidade: um homem de verdade nunca deve dizer não ao sexo e deve fazer sexo com quantas mulheres puder.
- 7) Deve ser agressivo e exercer o controle: deve usar a violência se necessário e ter a última palavra nas decisões domésticas.

Existe um fenômeno equivalente para as mulheres, chamado “Teto de Cristal”. Originalmente, o termo alude a uma barreira invisível que dificulta a ascensão profissional de mulheres, e salienta que há fatores externos que são limitantes e opressores que fazem com que mulheres permaneçam em uma posição de submissão em relação ao homem. A psicanalista Mariam Alizade (2007, apud Soria, 2021), no entanto, amplia esse conceito, defendendo que ele se aplica não apenas às mulheres inseridas no mercado de trabalho, mas a todas as outras também. Ela ressalta que, na realidade, Teto de Cristal é um conceito na fronteira entre o psíquico e o cultural. Afinal, as mulheres se aprisionam, a partir de seu mundo interno, na lógica de tetos de cristais. Há valores sociais, portanto, que, por serem introjetados pelas mulheres, funcionam como um limite difícil de

ser ultrapassado. Tentativas de destruição desse teto gera, frequentemente, um sentimento de que haverá uma explosão cujos estilhaços vão ferir a todos.

Os fenômenos Man Box e Teto de Cristal possuem uma relação de complementaridade, em que ambos, homens e mulheres, estão presos e submetidos a mandatos culturais, regidos por uma ótica patriarcal. Eles demarcam representações culturais tradicionais e rígidas, que trazem sofrimento psíquico tanto ao homem quanto à mulher. Há uma prescrição de atitudes passivas para as mulheres e uma legitimação dos atos violentos para os homens.

Virginia Ungar (2021) lembra da história da Cinderela, em que o príncipe, um homem forte, bonito e poderoso, busca uma mulher cujo pé caiba em um sapatinho de cristal. Sabemos as características da dona: ela é branca, magra, indefesa, educada e muito delicada. Os pés de mulheres que não se encaixam nesse ideal não cabem nesse sapato. Ao encontrar tal mulher, o príncipe pede-a em casamento e salva-a.

O questionamento que fica é, por que, até os dias de hoje, muitos homens e mulheres continuam a tentar se encaixar e a tentar encaixar os outros nesses modelos? Saliento que tais mandatos culturais não se dão apenas externamente, mas principalmente internamente. Afinal, há tanto um Teto de Cristal interno, como uma Man Box interna. É um fenômeno entre o psíquico e o cultural, baseado em normas aprendidas desde a infância.

02

Antes mesmo de um bebê nascer, já há um banho imaginário por representações atreladas ao que significa possuir um determinado órgão genital. Há uma atribuição de gênero regida pela cultura e pela estruturação inconsciente dos pais. Por exemplo, a forma que os pais cuidam de um bebê-menino é diferente da forma que o fazem com uma bebê-menina. Os pais, produto de uma cultura, assim, acabam por se tornar também produtores de uma cultura.

Partindo da premissa de que inicialmente há uma identificação do bebê, de ambos

os sexos, com a mãe (ou seja, há uma feminilidade primária), Greenson (1968, apud Diamond, 2004) sugere que, para o desenvolvimento de uma masculinidade, os meninos devem se desidentificar de suas mães. Psicanalistas como Michael Diamond (2004), no entanto, discordam. Diamond propõe que um afastamento precoce da mãe colabora para a visão da mulher como alguém desprezível, inferior, reduzido a um instrumento ou a um objeto (ou seja, um não-sujeito) que deve satisfazer narcisicamente os desejos e necessidades masculinos.

Surge no menino, então, o que Diamond (2004) chama de masculinidade defensiva, exibida a partir de um narcisismo fálico e enraizada em uma dolorosa ruptura da dependência materna. O vínculo com a mãe e a dependência dela, e, posteriormente, das mulheres, são sentidas como uma ameaça à diferenciação do menino. Tais ideais que têm origem na rejeição da dependência infantil e da passividade do menino, além de levar a uma negação da capacidade procriadora e nutritiva de um homem, possuem, alerta o psicanalista, uma potencialidade para a violência.

Gley P. Costa (2021) aponta que a rejeição ao feminino também contribui com o não-acesso a dois tipos de fantasias importantes para a construção da subjetividade masculina: (1) a inveja da vagina, que é relacionada a uma identificação do menino com a mãe, ou seja, a uma capacidade de gerar e cuidar de bebês (conectada, inclusive, à criatividade); e (2) o medo da mulher, que ocorre diante da dependência infantil. O não-contato com tais fantasias pode gerar sentimentos de inferioridade que podem ser substituídos por uma forma de defesa fálica, violenta e destrutiva. Esses sentimentos masculinos de impotência, defende Costa, geram o mito de uma fortaleza masculina. Assim, há uma projeção em que o homem acaba por atacar a mulher pela fragilidade que está dentro dele e que é conectada a essa dependência materna rejeitada.

Ainda pensando sobre o vínculo inicial de um bebê com sua mãe, há de se pensar também sobre as meninas que, segundo Freud (1931/2018), ao contrário dos meninos, tendem a possuir um laço pré-edípico prolongado com a mãe. A psicanalista Jessica Benjamin (1988), no entanto, aponta que uma fusão prolongada entre a menina e sua mãe pode gerar um medo, na menina, de se

individualizar e, assim, perder o amor materno. Muitas vezes, a menina acaba por ficar submetida a uma relação de indiscriminação em relação à mãe.

Diante disso, Benjamin (1988) salienta a importância da identificação com outro cuidador, o pai, um sujeito autônomo, um terceiro que te aponta para o mundo. Alguém que é diferente da mãe. Ela propõe que dificuldades no amor identificatório com o pai podem afetar o desenvolvimento da autonomia da menina, além de estimular uma idealização da figura masculina que passa a ser percebida como possuidora de um poder que a mulher não tem.

Assim, aspectos conscientes e inconscientes da relação pré-edípica e edípica com ambas as figuras parentais são cruciais para compreender as identificações de gênero. Acontece um processo complexo e amplo, já que há identificações com o masculino e o feminino no pai e na mãe, incidindo o que cada um transmite sobre seu sexo e sobre o outro sexo. Há uma importância de se haver um reconhecimento mútuo, em que a semelhança, bem como a diferença são aceitas, sem que haja um temor de uma confusão identificatória. Sem isso, identificações de gênero mais rígidas tendem a acontecer.

03

Trazendo a discussão para a cultura nordestina, há alguns imperativos identificatórios: tão logo possível, o menino deve sair da barra da saia da mãe, pois há o risco de ele ficar afeminado. Ele não pode chorar, ser dependente de alguém, nem fazer manha. Seus movimentos devem ser rígidos, ele não pode rebolar. Ele deve ser forte, corajoso. Em casa, quando crescer, a última palavra será a sua. Ele deve ser um cabra macho.

Aqui, pode-se conectar tais imperativos, inicialmente, à importância de se desidentificar da mãe, ou seja, do feminino. O menino deve identificar-se apenas ao que significa ser homem, pois uma aproximação com o feminino traria um risco de homossexualidade. Desde pequeno, seus atos são interpretados como “de macho”: o menino deve ser mais agressivo, deve gostar de carrinhos, apreciar luta, não se interessar por atividades domésticas, entre outros. A mulher (inicialmente,

a mãe), muitas vezes, é reduzida a um instrumento que deve satisfazê-lo, mimá-lo. Quando crescer, ele deve recusar a passividade e ser ativo em todas as situações (ou seja, é ele quem deve mandar em casa).

Já a menina, deve ser delicada, discreta e obediente. Ela deve permanecer longos períodos com sua mãe, sua família, e ajudar nos serviços domésticos. O pai não precisa se fazer muito presente. Na adolescência, ela vai esperar um príncipe encantado. Na vida adulta, pode até trabalhar, mas a meta principal de sua vida será cuidar de sua família. Ela precisa ser, principalmente, uma mulher séria, que se dê ao respeito.

Pode-se relacionar tais imperativos à ideia de que as mulheres possuem um laço pré-edípico prolongado com a mãe. Há um pressuposto de que a presença paterna é irrelevante.

04

No texto *Introdução ao narcisismo* (1914/2018), Freud reflete sobre o Ideal de ego, sustentando que além de seu aspecto individual, ele tem seu aspecto social. Afinal, o Ideal de ego “é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação” (Freud, 2018, p. 50), e fornece mais um aporte para a compreensão de como esses mandatos de gênero podem incidir sob o nosso psiquismo. Sabe-se que há um esforço constante para o indivíduo se equiparar a esse Ideal.

No caso dos valores transmitidos pela cultura patriarcal nordestina, manter-se próximo ao Ideal de ego, para o homem, pode ser relativo a ocupar esse lugar idealizado de poder, o que é, muitas vezes, possibilitado pela mulher que tudo tolera. Há, portanto, acordos inconscientes em que homens e mulheres atuam de formas complementares.

Nos homens, Susana Muszkat (2006) afirma que, diante de experiências de frustração e desamparo, se os recursos psíquicos forem precários, pode-se tentar aliviar a intensidade pulsional a partir de atos violentos. É uma tentativa de resgate da identidade idealizada, uma “demanda de reconhecimento de sua hegemonia”

(Muszkat, 2006, p. 182), ou uma tentativa de restauração de um narcisismo perdido. Há uma certa autorização cultural para que os homens ajam dessa forma.

Nas mulheres, Allegue, Carril, Kohen e Tejería (2014) pontuam que o sofrimento pode se transformar em um Ideal de ego. Ela deve tudo suportar. Há um ideal centrado nos cuidados maternos: abnegação, cuidado ao outro, sacrifício. Romper com tal relação implicaria uma renúncia aos ideais de família que forjou, o que entraria em conflito com uma consciência moral. Há uma gratificação narcisista ao ajudar e se pôr à disposição dos outros. O não cumprimento desses mandatos coloca em cena culpa e autotorturas, como produto de um superego infantil e rígido.

Há, portanto, uma construção gradativa de Man Boxes e Tetos de Cristais que é incorporada aos sistemas psíquicos a partir de uma complexa dinâmica de mandatos, explícitos e implícitos, internalizados, assumidos por homens e mulheres, a partir de identificações. Há um padrão cultural patriarcal que insiste em colocar mulheres em Tetos de Cristais, ao reforçar papéis ligados ao materno e ao cuidado, e os homens em Man Boxes, ao indicar papéis ligados à força e à independência. Tais padrões facilitam e autorizam laços pautados em vínculos de dominação e submissão.

É um modelo que, como salienta Meler (2005), demarca um fracasso cultural para elaborar as diversidades sexuais. Aqui, a diferença sexual aparece representada como hierarquia de gênero (ter ou não ter o pênis, castrado ou não-castrado, fático ou não-fático). É uma perspectiva equivocada, em que o outro não é vivido em sua alteridade (semelhante, porém distinto). É uma perspectiva relativa ao narcisismo fático, em que apenas um pode existir (há apenas um sujeito desejante, o outro é um objeto que deve satisfazer o desejo desse sujeito).

Assim, cabe à psicanálise abordar o amplo espectro das subjetividades, saindo de lógicas binárias, rígidas e restritivas presentes em uma sociedade patriarcal, hegemônica e falocêntrica. A violência de gênero está enraizada em tais paradigmas e é produto de alianças inconscientes entre eles.

COMENTÁRIOS FINAIS

Para compreender como os fenômenos Man Box e Teto de Cristal dão-se nas relações sociais, ou mais especificamente, na cultura nordestina, faz-se necessário pensar sobre como há uma internalização, e uma conseqüente naturalização, de mandatos identificatórios que possibilitam a manutenção de uma hierarquia de gênero pautada em uma ótica de submissão e de dominação.

Modelos do que significa ser homem e ser mulher geram sofrimento psíquico para ambos os gêneros, pois partem de uma perspectiva rígida que dificulta o reconhecimento de si mesmo e do outro em sua alteridade. Há de se lembrar da pluralidade e da complexidade presentes em cada um, afinal de contas, todos possuem elementos masculinos e femininos em si mesmo.

Histórias como as de Maria de Oliveira, Maria da Penha e Pamella continuarão a existir enquanto houver uma manutenção desses ideais. É necessário um trabalho de desconstrução de paradigmas que acentuam a desigualdade social e que funcionam como um obstáculo à democracia. É imprescindível que haja espaços que permitam questionamentos e criações que possibilitem novos modelos de identificação. Afinal, só assim Tetos de Cristais podem ser efetivamente quebrados, e Man Boxes podem ser finalmente destruídas.

REFERÊNCIAS

- Allegue, R., Carril. E., Kohen, V., & Tejería, S. (2014). Violência doméstica y psicoanálisis. In *Revista de Psicoterapia Psicoanalítica*, VIII (3), pp. 73-85.
- Benjamin, J. (1988). *The bond of love: psychoanalysis, feminism, and the problem of domination*. Pantheon Books: New York.

- Costa, G. (Outubro de 2021). Uma reflexão sobre a masculinidade no mundo contemporâneo. In *Jornada Latino-Americana do COWAP 2021 "Psicossexualidades hoje: aportes psicanalíticos."* (Evento online)
- Diamond, M. (2004). The shaping of masculinity: Revisioning boys turning away from their mothers to construct male gender identity. In *International Journal of Psychoanalysis*, 85, pp. 359-380.
- Freud, S. (2017). Psicologia das massas e análise do eu. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol.12). São Paulo: Companhia das letras. (Originalmente publicado em 1921)
- Freud, S. (2018). Introdução ao narcisismo. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol.12). São Paulo: Companhia das letras. (Originalmente publicado em 1914)
- Freud, S. (2018). Sobre a sexualidade feminina. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol.12). São Paulo: Companhia das letras. (Originalmente publicado em 1931)
- Meler, I. (2005). Violencia en las relaciones de género. Algunas hipótesis psicoanalíticas. In *Actualidad Psicológica*, Año XXIX, nº 328.
- Muszkat, S. (2006). *Violência e masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Negreiros, A. (2020). *Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço*. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz.
- Penha, M. da. (2020). *Sobrevivi: posso contar*. Fortaleza: Armazém da Cultura.
- Soria, G. (Setembro de 2021). Mujeres y Techos di Cristal. In *Evento preparatório: II Jornada COWAP Brasil "Desatando os nós e (re)criando laços: um olhar sobre a violência"*. (Evento online)
- Ungar, V. (Outubro de 2021). Psicossexualidades hoje: masculinidades. In *Jornada Latino-Americana do COWAP 2021 "Psicossexualidades hoje: aportes psicanalíticos."* (Evento online)